

UMA LUZ NEON NA ENCRUZILHADA

A NEON LIGHT AT THE CROSSROADS

Eduardo Karol

Professor Associado da UERJ-FFP
eduardokarol01@gmail.com

Resumo:

O texto que apresento foi escrito na década de oitenta (ou noventa, não me lembro bem) do século XX. A inspiração veio do tempo juvenil em que colecionava caixas de fósforo – tal prática se chama **Filumenia** – e ao mesmo tempo identificava o espaço onde eram produzidas. Agora disponibilizo com a tentativa de incentivar docentes da educação básica a exercitar a imaginação sobre os espaços de existências próprios e dos estudantes. Trata da modificação da paisagem onde os equipamentos – removido e construído – tem novos sentidos e funções.

Palavras-chave: Memória espacial, Ensino de Geografia, atividade escolar.

REVISTA FLUMINENSE DE GEOGRAFIA	Niterói (RJ)	Vol. 4 n. 1 jan-jun 2024	e-ISSN: 1980-9018
------------------------------------	--------------	--------------------------	-------------------

Abstract:

The text I present below was written in the 1980s (or 1990s, I don't remember exactly) of the 20th century. It was inspired by my youthful days when I collected matchboxes – a practice known as “Filumenia” – while simultaneously identifying the spaces where they were produced. Now, I share it with the intention of encouraging educators in basic education to exercise their imagination regarding their own existence and that of their students. The text delves into the modification of the landscape, where equipment – both removed and constructed – takes on new meanings and functions.

Keywords: Spatial memory, Geography education, School activity.

"quando o apito da fábrica de tecidos
vêm ferir os meus ouvidos
eu me lembro de você".

Noel Rosa

A vila operária acordava ao primeiro apito da fábrica. Logo se sentia a movimentação do chegar dos trabalhadores.

Os operários que moravam em outras localidades, antes do apito, já haviam deixado sua aconchegante cama para a marcha quotidiana, ou melhor, para no primeiro raio de sol encarar o ônibus que, de ponto em ponto, recolhia as pessoas que durante aquele dia (e os seguintes) produziram as riquezas e enriqueceriam aqueles que são donos das fábricas.

Dia-a-dia aquela situação se repetia. Ano a ano a esperança de construção de uma vida melhor. Diariamente a relação com a máquina enrijecia seu caráter e o seu corpo sentia o peso do desgaste com o passar do tempo. Tempo medido, minuto a minuto, para não se perder nem um tostão na produção. Só na hora do rango havia tempo para falar da patroa, dos moleques, jogar, falar da grande vitória do seu time no dia anterior, conversar sobre o sindicato, enfim aliviar as tensões provocadas pela utilização do tempo como máquina.

Eis que numa manhã, o boato começa a rondar a cabeça daqueles que acreditavam que a situação estava maravilhosa. Todos comentavam: "vai haver demissões porque os custos da produção estão altos"; "dizem que será reduzido à metade o número de empregados". E mais uma tensão: a incerteza de continuar ou não no trabalho. O imaginário fervilha de dúvidas: como alimentar a molecada. E aquele presente que prometi?

Assim é o capitalismo, que pouco a pouco vai espremendo o homem como laranja e depois joga o bagaço e a casca no lixo. Já sem a mesma vitalidade de antes: vai ser subempregado nas ruas.

E pouco a pouco o apito não emite o mesmo som. E em breve só temos as instalações da fábrica guardadas por dois vigilantes contratados. Aquela empresa que se orgulhava de ter no seu quadro de funcionários, tantos mil, hoje emprega apenas dois.

Chuva, sol, outono, inverno e as instalações em processo de deterioração. Desaba o telhado. Cai uma parede. Começam a aparecer às ruínas de um local que foi o ganha pão de muitos que com saudades olham o tempo consumir seus pensamentos. Na vila seu Antônio lembra histórias desde a construção até o fechamento. Só a chaminé, símbolo de um modelo e uma época, continua ereta, sem se deixar abater pelas mudanças de tempo.

Numa manhã chegam os homens com suas máquinas e montam o canteiro de obras e começam a tirar da paisagem aqueles elementos que perderam sua importância. Começa a demolição. A movimentação agora tem como objetivo apagar aquelas lembranças de um passado recente. Entram e saem os operários que dia a dia colocam o terreno no seu estado virginal. Tomba a chaminé, o símbolo de uma época. E começam a chegar mais operários, mestres de obra, pedreiros, serventes, ladrilheiros, que a empreiteira foi buscar em outro Estado, para não perder um minuto de trabalho.

Em alguns meses já começamos a perceber contornos diferentes daqueles da velha fábrica. Os boatos se sucedem na localidade: "vai ser um shopping center"! "não! vai ser um supermercado"! e apareceu na paisagem um novo elemento construído, mais uma vez, pelas mãos exploradas do trabalhador. Terminada a "obra prima" começa o recrutamento de novos trabalhadores e aqueles que demoliram e construíram, saem de cena e voltam para qualquer lugar, para demolir e construir outra vez.

No lugar da velha chaminé, foi construída outra em forma de cilindro que no seu topo faz brilhar uma luz néon, indicando que ali há mais um supermercado Carrefour (leia-se em português "encruzilhada").

ATIVIDADE

Vou propor uma atividade de menor complexidade e deixando ao professor e ou professora a criatividade para desenvolver outras.

Solicitar ao estudante que procure e traga para aula uma embalagem de produto fabricado na região em que mora — é necessário estar atento a escala de abrangência — bairro, cidade, município, unidade da federação.

Com a embalagem em mãos pedir para transcrever no caderno o endereço completo existente na embalagem.

Com mapas de aplicativos localizar o endereço.

Pedir aos estudantes que imaginem e desenhem como é o lugar onde a fábrica do produto está localizada.

O professor e ou professora, coleta imagens dos endereços apresentados pelos estudantes e vai construindo a identidade dos lugares.

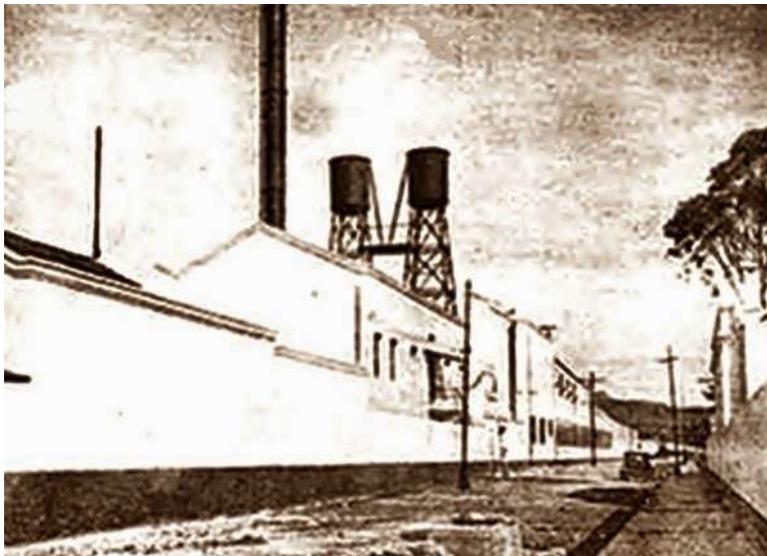
Após a atividade o professor e ou professora apresenta as ideias de lugar e paisagem.

IMAGENS RELACIONADAS AO TEXTO





Caixas de fosforo produzidas pela Fiat Lux para propaganda de marcas.



Fábrica de Fósforo Fiat Lux, Barreto, Niterói – Fonte: site 1



Vila Fiat Lux - Fonte: Jefferson e outros

SUGESTÃO DE BIBLIOGRAFIA

Luciana Pucu Wollmann do Amaral. Quando o apito não tocou: uma perspectiva multiterritorial de um bairro operário em declínio (Barreto - Niterói). Estudos Geográficos, Rio Claro, 9(1): 49-67, jan./jun., 2011 (ISSN 1678-698X).

<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/estgeo>

Leila de Oliveira Lima Araujo. Paisagens urbanas reveladas pelas memórias do trabalho. Scripta Nova, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales Universidad de Barcelona. ISSN: 1138-9788. Depósito Legal: B. 21.741-98 Vol. VI, núm. 119 (54), 1 de agosto de 2002

Jefferson Campos, Luísa Jardim, Diego Martinez, Edilson Vieira, Selene Herculano. Estudo iconográfico do Barreto (Niteroi, RJ). Revista VITAS - Visões Transdisciplinares sobre Ambiente e Sociedade - www.uff.br/revistavitas ISSN 2238-1627, Nº 3, junho de 2012

SITES

- 1 - <http://grupoprazerdejogar.blogspot.com/2014/10/fabrica-de-fosforo-fiat-lux-barreto.html>
- 2 - <https://www.jornaldaki.com.br/post/uma-história-sobre-a-fábrica-dos-fósforos-fiat-lux-por-erick-bernardes>
- 3 - <http://www.labhoi.uff.br/arquivo-sonoro/item/3001>